

DOMINGOS DE FARIA MACHADO: INTELECTUAL LATINO-AMERICANO

Eliete Gusmão Gonçalves Lima
Universidade do Estado da Bahia/CAPEs¹

Domingos de Faria Machado, músico, jornalista, poeta e acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia nasceu na região do Recôncavo baiano, na cidade de Santo Amaro da Purificação. Trata-se de um intelectual engajado que colaborou, de forma ativa, em periódicos locais, insurgindo-se contra os desmandos políticos da sociedade de seu tempo. Produziu textos que falavam das relações de força entre as entidades políticas que dominavam o cenário baiano em meados do século XIX e das suas convicções artísticas de cunho intervencionistas. Os registros de seus embates pautavam-se na necessidade de desestabilizar as instâncias de poder hegemônico, fazendo com que suas ideias, mesmo que arrefecidas e relegadas às margens, suscitasse questionamentos sobre as verdades tidas como únicas. Parte da produção textual de Faria Machado estava ligada à necessidade de produzir versos que expressassem sua indignação com a situação política da época e estimulasse o seu público leitor a adotar uma postura crítica acerca das instituições que mantinham o poder.

O poeta santamarense, proprietário e redator de *O Patriota*, jornal político, noticioso, literário, religioso e satírico, procurava evidenciar as suas divergências com o partido político pertencente ao poder vigente da época. Suas posições de enfrentamento emergem tanto dos escritos de caráter jornalístico, quanto de sua produção literária. A tessitura de seus textos se dá por intermédio da insigne de um patriota comprometido com os ideais liberalistas que apregoava:

“eu que sou brasileiro, tenho só um pensamento muito simples e excelso e majestoso, quanto majestoso e excelso, é a origem d’onde ella emana - Deos e minha Pátria – meu credo e minha liberdade- em uma palavra sempre fui e sou LIBERAL.” (O ARGOS SANTAMARENSE, 1851, p.4).

A articulação entre arte e política percorre a obra do autor e propicia o desencadeamento de uma série de eventos que não lhe foram favoráveis. Um desses eventos foi amplamente divulgado pelo jornal *O Argos Santamarense*, cadeia de jornais liberal do qual Domingos de Faria Machado também foi colaborador. Em artigo extenso, o

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação em estudo de linguagens - Linha 1. Orientador: Prof. Dr. Silvio Roberto dos Santos Oliveira

referido jornal expõe as possíveis razões que motivaram o pedido de prisão do santamarense:

Por vezes temos pegado da pena para traçarmos algumas linhas, e combatidos de diversos sentimentos, indignados a depomos, por onde começar, desejando que cada palavra nossa seja um raio que va fulminar o réprobo de Deos, e amaldiçoado dos homens, o opressor da humanidade, o infractor das leis, violentador dos direitos civis, o compressor da moral, e o assassino enfim do cidadão pacífico, honrado e honesto. (O ARGOS SANTAMARENSE, 1851, p.01).

O enclausuramento de Domingos Faria Machado é apontado por Lizir Arcanjo, pesquisadora dos conflitos políticos no segundo reinado, como uma estratégia do governo para tirar de circulação aqueles que incomodavam o poder. Com o objetivo de evitar que a prisão o afastasse de suas atividades intelectuais e, ainda, da sua família, para quem representava o pilar de sustentação econômica, o jornal *O Argos Santamarense* acrescenta, ao final do artigo, declarações de “respeitáveis ministros da religião” como forma de reforçar a identidade de um sujeito pobre, religioso, íntegro, possuidor de valores morais irretocáveis.

Homem inteligente, Domingos de Faria Machado alçou voos pelo mundo das artes, desejoso de uma ascensão profissional, sem, contudo, abrir mão de seus ideais. Percebe-se, em meio aos poucos registros biográficos coletados até o momento, que suas produções literária e musical são marcadas também pela religiosidade, fato que o levou a ter o apoio de personalidades ligadas ao poder eclesiástico.

Procura-se, neste artigo, delinear o perfil identitário do poeta, tendo como pressuposto legitimador de seu caráter os seguintes aspectos: sua trajetória intelectual que teve início ainda em Santo Amaro com a colaboração em jornais de significativa circulação tanto no recôncavo como em Salvador; sua produção musical e literária, articulada com o momento de inserção na Faculdade de Medicina da Bahia. Aspectos da biografia de Domingos de Faria Machado são detalhados ao longo do texto, objetivando reforçar a imagem de um intelectual de múltiplas habilidades, capaz de colaborar, a partir de mecanismos artísticos diversos, com a vida cultural de seu tempo.

À proporção que se dedicava às letras, à elaboração de poemas satíricos para os jornais, Faria Machado também transitava pelo universo das partituras, compondo músicas que ainda hoje são entoadas pelos seus conterrâneos. Em Santo Amaro da Purificação, todos os anos, durante a Novena de Nossa Senhora, o hino a ela dedicado ecoa pelas ruas e praças da cidade, sem, contudo, ser conhecida a autoria de Faria Machado. O mesmo poder que tentou silenciá-lo em meados do Século XIX, pode ter arrefecido sua voz, no entanto não conseguiu apagá-la.

No que diz respeito a sua produção musical, a pesquisadora Lizir Arcanjo, através de notas do *Diário da Bahia*, destaca as composições solicitadas ao poeta por companhias de teatro. Trata-se de peças como valsas, que eram utilizadas para acompanhar as apresentações. De suas produções musicais, a mais significativa para os santamarenses é *A Novena de Nossa Senhora da Purificação*. Maria Bethânia, atenta à necessidade da preservação dos traços da cultura popular local, gravou *Cânticos, Preces e Súplicas à Senhora dos Jardins do Céu* (2003), CD que reúne reminiscências religiosas vivenciadas por ela em sua infância. Tal iniciativa estabelece um diálogo entre o passado e o presente. A arte de Faria Machado, outrora desprestigiada, adentra novos tempos, atualiza-se, mostra-se em condição de se adaptar e responder às demandas de novos receptores.

Os estudos sobre a memória de Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pollak (1992) se constituem como imprescindíveis para a compreensão da obra de Domingos de Faria Machado. Os referidos autores, ao tratar a memória, destacam o lugar de prestígio que por muito tempo ocupou os documentos escritos nas pesquisas históricas. Utilizados como instrumentos de luta e poder, os documentos operavam como legitimadores das narrativas de grupos dominantes e, com isso, deixavam relegados os grupos minoritários. Assim, a partir de novas abordagens metodológicas, libertas do positivismo, surge, segundo Pollak, a necessidade de se romper com a oposição entre história oral e história social, constituidoras que são de “cronologias plurais”.

Tais estudos operam com os conceitos de retenção, esquecimento e seleção que, a partir de diversos mecanismos de estímulos, propiciam a reelaboração, no presente, de fatos passados que implicam em uma possibilidade do vir a ser. Pensar o sujeito Domingos de Faria Machado e sua produção textual sob o prisma da memória é levar em consideração a distinção estabelecida entre memória individual e coletiva por Maurice Halbwachs (2006, p. 69):

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles [...] memória individual, é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

As lembranças que emergem sobre Domingos de Faria Machado são, neste sentido, fruto de lembranças de determinados grupos que, intermediados por suas posições sociais e seus pontos de vista, ora trazem à tona o artista, ora o político, ora

músico ou religioso. É interessante pensar as identidades que constituem o sujeito Domingos de Faria Machado a partir da perspectiva proposta por Stuart Hall (2002, p.13) de “celebração móvel”, haja vista o poeta ter assumido identidades diferentes em momentos diferentes de sua vida. Segundo Hall, essas identidades não são unificadas ou coerentes, são definidas historicamente através de representações ou interpelações nos sistemas culturais em que os sujeitos estão envolvidos.

Stuart Hall (2002), destaca três concepções de identidade: a do sujeito iluminista, portador de uma identidade estável; a do sujeito sociológico, formado a partir de um movimento relacional com outros sujeitos, a fim de identificar-se com o outro; e, por fim, a do sujeito pós-moderno, portador de identidades contraditórias com identificações diversas e em constantes deslocamentos. Guardadas as devidas proporções, a elaboração teórica de Hall nos faz pensar em Domingos de Faria Machado sob a perspectiva de um sujeito descentrado e contraditório: ao mesmo tempo em que buscava estar em consonância com os debates que atendiam aos seus interesses ideológicos, buscava também o apoio de uma elite religiosa que legitimasse seus discursos. Muito embora difundisse ideias que contrariavam o poder, também se utilizava de estratégias que lhe possibilitava negociar com estes segmentos de prestígio. Em um movimento dialético com as forças que lhe eram superiores, procurou, na condição de intelectual de seu tempo, circular entre o saber do povo e o saber erudito, desafiando as tramas que envolviam esses espaços discursivos. As identidades por ele apropriadas são resultantes de suas vivências no interior da cultura baiana, e dos influxos do contexto latino-americano. O discurso do poeta baiano reivindica uma identidade intelectual híbrida, capaz de dialogar com a cultura eurocêntrica, sem, contudo, a ela ser submisso.

Neste sentido, é interessante ressaltar as relações de poder teorizadas por Foucault, analisadas como um jogo entre sujeitos livres que dispõem de várias “condutas” possíveis, reações e modelos de comportamentos distintos. Assim, o poder como prática se configura como uma força coercitiva que subjaz as relações humanas. Desta forma, analisar as condições de possibilidade política dos saberes a partir da negociação implica perceber as relações de força como positivas e produtivas. Através dos discursos, emergem campos em que podem se manifestar, tanto os mecanismos de controles, quanto os focos de resistência, denominados por Foucault por “blocos táticos”. Diante das condições de possibilidades de seu tempo, Faria Machado produziu textos resultantes das relações de força entre as entidades políticas que dominavam o cenário baiano em meados do século XIX e das suas convicções artísticas de cunho intervencionistas. Os

registros oriundos desses embates tornam-se positivos, na medida em que desestabilizam as instâncias de poder hegemônico, fazendo com que outros discursos, mesmo que arrefecidos e relegados às margens, levantem questionamentos sobre as verdades que se querem únicas.

As premissas que balizam o cerne deste estudo inclinam-se em mapear as diversas investidas intelectuais deste artista para, então, demonstrar a impossibilidade de cristalizá-lo em uma identidade única e homogênea, segundo os moldes das tendências teóricas de seu tempo. Assim, a partir de sua natureza híbrida, busca-se demonstrar que ele transitava sempre por entre fronteiras culturais distintas.

Seu discurso buscava a cooptação de um determinado público denominado de povo, representado pela camada composta por uma parte intermediária da população, ou seja, por aqueles que trabalhavam para manter a estrutura da nação: senhores e escravos; profissionais como padeiros, barbeiros, costureiras etc., e, simultaneamente, estabelecia o diálogo com outros lugares discursivos desta mesma sociedade.

À época de sua produção artística, a literatura, para ser considerada nacional, deveria estar em consonância com as temáticas propostas pelo poder. Faria Machado, no entanto, diante de sua realidade transversal, buscava um diálogo com as múltiplas instâncias de poder que o cercava, sem, contudo, abandonar os princípios éticos balizadores de seu discurso.

As contendas políticas nas quais se envolvia não se constituíam como um empecilho para que professasse sua fé, e ainda, elaborasse sua arte religiosa. Estar ora em um espaço discursivo e ora em outro, configura-se, para este poeta, como uma “celebração móvel” tal qual preconizada por Stuart Hall.

Não obstante a necessidade de produzir uma literatura que dialogasse com os problemas da nação, Domingos de Faria Machado buscava afirmar-se como um artista capaz de atender outras demandas da cultura, mesmo que para isso tivesse que enfrentar acirradas críticas aos seus escritos, comprometendo, assim, a possibilidade de êxito em seu mundo social. Destaca-se, neste contexto, a dedicatória oferecida pelo poeta ao Senhor Antonio Olavo da França Guerra, proprietário da tipografia encarregada a reproduzir seus livros, em *Harpa do Trovador* (1859):

Não estou acostumado a subir as escadas dos grandes para lhes queimar bajulantes incensos;- também não é o desejo do óbulo da recompensa, que me move a pena: -obedeço aos impulsos de meo coração dedicando-te o meo livro

Ao obedecer aos impulsos do coração, Faria Machado mostra-se atento a suas convicções, sem, contudo, desistir de fazer parte de outros sistemas culturais de representação. Percebe-se que, ao longo de sua trajetória intelectual, buscou transitar em diferentes domínios de poder, a fim de descentralizar as posições sedimentadas. Com atitudes visionárias, investido de posicionamentos intercambiáveis, que não comportavam apenas um único modelo de vida, buscou negociar espaços inimagináveis à época, para a uma camada pobre da população. Seu ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia se dá mediante inúmeras dificuldades, principalmente de ordem econômica, no que diz respeito ao custeio do ensino, sem falar da perseguição acadêmica sofrida. Mesmo obtendo êxito em seus exames, Domingos de Faria Machado é impedido de continuar os estudos, por possível capricho da cátedra do ilustre recinto:

Sendo aprovado em todos os exames do meu curso, fui, não sei porque fantasia, reprovado na prática do 3º ano-tendo intima convicção de ter feito uma exame suficiente, para ter, pelo menos, a aprovação que outros tiveram- embora o Sr. Dr. José de Góes, aliás moço com quem sympathiso e à quem nunca faltei como respeito... tenha dito na sua *memória histórica* -que fui merecidamente reprovado. Ao menos tive a honra de ver meo nome figurar em uma peça de tanta transcendência. (MACHADO, 1859, p. 100)

Tais acontecimentos estão perfeitamente em consonância com os fatos que circundam a vida e a obra de Domingos de Faria Machado. Não podia ser diferente, haja vista ter o poeta santamarense transitado em meio a lugares de poder, sem, contudo, ter se submetido. Mais adiante, em nota que acompanha o poema *Adeus*, ele desabafa:

Agora consta-me, que estou inibido por dous ou três anos de obter a minha carta na escola. Ignoro também a causa quer me tiram tão cinicamente o pão e à minha família. Paciência!... Mais perdeo o Garapa; que ficou sem o bêco. (MACHADO, 1859, p. 100)

A reprovação no exame, bem como a impossibilidade de exercer a nobre profissão, configura-se como um mecanismo de controle exercido por aqueles que, investidos de poder, procura silenciar vozes dissonantes que atuam por entre as malhas dos discursos hegemônicos.

O conceito de “entre-lugar”, adotado por Silviano Santiago, colabora para pensar o trânsito cultural de Faria Machado, na medida em que, como brasileiro, sujeito oriundo do recôncavo baiano, que sofre influxos culturais do colonizador, procura, por meio da arte do viver, reconfigurar espaços que comportem suas múltiplas possibilidades de existência.

Neste diapasão, o poder, tal qual conceitua Michael Foucault (1987) funciona através de um jogo de relações entre sujeitos livres que dispõem de várias condutas possíveis, reações e modelos de comportamentos distintos. Analisar as condições

políticas nas quais o poeta em estudo atuou ao longo de sua trajetória, exige que se considerem seus posicionamentos como positivos, pois possibilitam a emergência de outros discursos que não aqueles tidos como únicos e verdadeiros.

Como intelectual, Domingos de Faria Machado produziu poesias de cunho político, objetivando evidenciar os problemas sociais de seu tempo; também evocou suas musas, decantou seus amores, manifestou sua fé e dialogou com a cultura dominante através de instrumentos dialógicos, nem sempre coerentes, mas representativos de uma identidade híbrida, perpassada por influências intelectuais diversas.

Segundo Renato Ortiz (2006, p. 139), “os intelectuais desempenham esta tarefa de mediadores simbólicos”. Assim, Domingos de Faria Machado operou transformações em seu meio social, agindo como um intérprete de sua realidade, através de uma mediação que propiciou a “reinterpretação simbólica” de seu momento histórico, reeditando, assim, a realidade.

Após articular a questão da memória como instrumento de poder, convém lembrar os posicionamentos de Michael Foucault em *a Microfísica do poder* (1979) que tem como pressuposto a imposição dos discursos e a atuação do poder que subjazem às práticas discursivas. Pensar as marcas deixadas por Domingos de Faria Machado exige identificar sua inscrição social e histórica, o lugar de fala ao qual ele estava vinculado, pois é dado incontestemente que o saber apresenta-se vinculado ao poder, perpassado por ideologias. É fato que, o poeta-político Domingos de Faria Machado, muito embora transitasse em espaços reservados ao saber, distanciou-se da posição de prestígio que possivelmente gozaria como músico, jornalista e poeta, ao se utilizar da arte para comprometer-se com a cultura local e com as problemáticas do seu dia-a-dia. Ele optou por insurgir-se contra a servidão e a miséria, elementos presentes em muitos de seus poemas e que demonstram suas divergências com o poder. Finalmente, dá-se voz ao Trovador santamarense com a perspectiva de ressuscitar por inteiro uma produção de textos que faz parte de uma literatura desconhecida, mas que não cabe continuar silenciada:

Abatida a Liberdade
Se roja aos pés do estrangeiro,
Tudo sofre o brasileiro
Nesta infame atualidade:
Na fereza crueldade
Só se nutre o saquarema!
Que importa que o povo gema
Sob um cativoiro?
Esse bando é lá do inferno,
Não tem pátria, nem sistema
Se ergue horrenda a tirania

Na terra da santa cruz,
Nela exercem férreos jus
Vis mandões da Oligarquia:
O punhal de noite e dia
Se maneja a qualquer hora,
(O Argos santamarense, 7 jun. 1851, p.4)

Esta análise constitui uma das possíveis interpretações e compreensões que pode ser depreendida sobre o personagem Domingos de Faria Machado. As múltiplas vozes que perpassam a minha análise são, como sugere Bakhtin, resultantes da interação entre uma rede de outros textos que, entrelaçados, possibilitam a construção do meu “eu” a partir dos outros sujeitos envolvidos. Assim, me interessa, antes de tudo, destacar que o poeta santamarense participou do emaranhado de vozes que constituíram os discursos na Bahia do Século XIX, sem, contudo, desaparecer no meio deles, mas existindo como sujeito a partir da interação com eles.

A concepção teórica de “entre-lugar”, guardadas as devidas proporções, colabora para o entendimento dos difíceis diálogos estabelecidos por Faria Machado com as outras formas e dimensões de pertencimento. É neste espaço de entrecruzamento cultural que emergem outras formas de escritas, outras identidades resultantes das tensões entre forças heterogêneas que estão sempre em negociação, nem sempre ganhando ou perdendo, mas sempre se relacionando. O “entre-lugar” configura-se, desta forma, como espaço em que diversas histórias e discursos são estrategicamente confrontados, afastando, desta maneira, qualquer possibilidade de uma identidade única e original. Assim escreve Silviano Santiago:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão- ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 200)

A literatura produzida pelo intelectual Domingos de Faria Machado é articulada a partir de uma perspectiva cultural ampla. Sua voz, por vezes considerada dissonante em relação ao poder oficial, se perfazia em uma rede discursiva, perpassada pelas pretensões de manifestar o desejo e a atitude de dialogar com a história de seu país de maneira viva, criativa, e até mesmo irreverente, sempre em uma perspectiva dialógica com outras formas de produção.

Deste modo, cabe repensar a arte do poeta em estudo, à luz de critérios multiculturais que possibilitam evidenciar os discursos plurais, na medida em que sugerem redescobrir os que frequentemente são esquecidos. Neste ambiente, vêm à

lume os não- canônicos, como Domingos de Faria Machado que, dentro de um determinado contexto histórico e social, não conseguiu a legitimação de sua produção artística. Suas armas discursivas se mostram, ainda hoje, pertinentes para questionarmos as fronteiras estabelecidas pelo literário. Atualizar sua obra colabora para a preservação dos fragmentos que compõem a história da sociedade baiana, na medida em que preenche as lacunas da história literária do Brasil. Com isso, deixam-se de lado os conceitos que desprezam as formas literárias gestadas nos espaços interstícios da cultura brasileira.

Para finalizar, destaco o trecho do prólogo do livro *Harpa do Trovador* (1859) em que, ao se dirigir ao seu público leitor, Faria Machado registra a intenção de seus escritos e o seu comprometimento com as problemáticas de sua época:

[...] eu não sou um *geênio*. E si jamais aspirei ser conhecido por tal, hoje muito menos ambiciono esta glória-depois que o gênio se estigmatizou com um triste labéu. Se os gênios devem existir só para deprimirem a honra alheia, melhor fora que taes gênios, incultos como são, continuassem a viver na obscuridade [...] não é glória que aspiro; porque sei- que glória é uma phantasma, coberto com um manto de ouro- Estou satisfeito; porque tenho, no que posso, servido à minha pátria. (MACHADO, 1959, p.2-3)

Domingos de Faria Machado, como intelectual e “mediador simbólico”, mostra-se atento às estruturas que hierarquizam os discursos, joga com estas forças, ora por meio do enfretamento, ora através de mecanismos estratégicos de negociação, mas sempre de forma viva e atuante.

Referências

- ALVES, Lizir Arcanjo (Org.). **O patriota de Santo Amaro**: Domingos de Faria Machado. Santo Amaro: NICSA, 2002.
- BETHÂNIA, Maria. **Cânticos preces e súplicas à Senhora dos Jardins do Céu**. Direção artística de Jaime Alem e Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003, 1 CD (22:28 min)
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense -Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel, **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado.16.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HALBWACHS, **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.Ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MACHADO, Domingos de Faria. **Inspirações religiosas**. Bahia: Typographia de Antonio Olavo da França Guerra; 1958. **Acervo da Biblioteca Nacional- Brasil**.
- MACHADO, Domingos de Faria. **Harpa do trovador**. Bahia: Typographia de Antonio Olavo da França Guerra; 1959. **Acervo da Biblioteca Nacional- Brasil**.

O DIA 2 DE FEVEREIRO: **O Argos Santamarense**, Santo Amaro-Bahia: Typ. Do Argos santamarense, n.8, 21 de fevereiro de 1851. p.1- 4. **Acervo da Biblioteca Nacional-Brasil.**

O PATRIOTA, Bahia: Typ. De Marques Aristides e Comp., n. 3, 5ª série, 6 de junho de 1864. **Acervo da Biblioteca Nacional- Brasil.**

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5. N. 10, 1992, (p. 200-212)

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SANTIAGO, Silvano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (p.9-26)

RESUMO. Apresenta-se Domingos de Faria Machado, músico, jornalista, poeta e acadêmico da Faculdade de Medicina da Bahia com o fito de trazer à tona representações identitárias, resultantes de diferentes fronteiras culturais. Pretende-se discutir a inscrição social de Domingos de Faria Machado, os traços que constituem a figura desse intelectual que circula entre o saber popular e o saber erudito, desafiando as tramas do poder. Após a compreensão das práticas intelectuais de Domingos de Faria Machado, faz-se a articulação entre as identidades por ele apropriadas, resultantes de suas vivências no interior da cultura baiana, e os influxos do contexto latino-americano que se perfazem em sua escrita. O discurso do poeta baiano reivindica uma identidade intelectual híbrida, capaz de dialogar com a cultura eurocêntrica, sem, contudo, a ela ser submisso. Domingos de Faria Machado situa-se no “entre lugar do discurso latino-americano” proposto por Silvano Santiago.

Palavras-chave: intelectual; identidade cultural; latino- americano; escrita.

